

**PERSPECTIVAS DA (DES)CONSTRUÇÃO DO FABULOSO
FRUTO DE OURO NA TRILOGIA DO CACAU ADONIANA:
BÁRBAROS OU CIVILIZADOS?**

*Bárbara Albuquerque da Paixão**

*Isaias Francisco de Carvalho***

RESUMO: O trabalho, de cunho descritivo-bibliográfico, tem como principal objetivo analisar a perspectiva da barbárie-civilização, com base em Tzvetan Todorov (2010), nos personagens da trilogia do cacau, a saber: *Os servos da morte* (1986), *Memórias de Lázaro* (1970) e *Corpo Vivo* (1989), do escritor sul-baiano Adonias Filho. Para tanto, estabelecemos o contraponto entre a imagem simbólica do “fruto de ouro”, comumente propagada na sociedade grapiúna contemporânea, e as representações fundacionais, baseadas em vingança, violência e morte, desse mesmo imaginário dourado nessas narrativas adonianas. Espera-se que este trabalho promova discussões *outras* acerca dessa imagem promovida, diferenciando-a do modo de elevação e glória pertencentes a esse imaginário sul-baiano.

PALAVRAS-CHAVE: Barbárie; Civilização; Imagem simbólica; Trilogia do cacau.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

** Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura. Professor de Literaturas Anglófonas e de Língua Inglesa, vinculado aos programas de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC.

Introdução

Mas, se o filho nascer, é preciso que você o mate, que você obrigue o pai a comer a carne como os urubus comem a carniça dos bezerras.

Adonias Filho, *Memórias de Lázaro*

Segundo a crítica persistente, Adonias Filho criou uma determinada literatura de caráter subjetivo, metafísico e trágico. A obra adoniana – neste trabalho, em destaque para a chamada trilogia do cacau: *Servos da morte* ([1946] 1986), *Memórias de Lázaro* ([1952] 1970) e *Corpo vivo* ([1962] 1989), doravante referidas como *Servos*, *Memórias* e *Corpo*, respectivamente – expõe, entre outros aspectos, circunscrita realidade quase pouco divulgada neste cenário: a morte *na e pela* terra, a vingança como mantenedora da vida e a violência como gratuidade inerente ao tipo humano. Ao nos debruçarmos sobre essas narrativas, percebemos que o lugar adoniano estava distante da repetição imagética em torno do “fruto de ouro”,¹ a saber: da imagem construída em torno do cacau fabuloso. O saudosismo marcante propagado nos vários tipos de textos, histórias e causos acerca do imaginário cacauceiro insiste em resguardar expressões peculiares alusivas ao tempo do paraíso na terra como o “tempo bom do coronel”, capaz de impressionar forasteiros e visitantes desavisados, além de ser comumente perpetuadas no cotidiano grapiúna² contemporâneo.

¹ A expressão “fruto de ouro” é comumente utilizada para se referir ao cacau, cuja ascensão econômica se deu a partir do final do século XIX, quando as colheitas situavam o Brasil (principalmente a região sul-baiana) entre os maiores produtores do mundo. Há uma vasta literatura em torno da monocultura do cacau que aborda a ascensão econômica dessa região e a imagem de potência econômica, o que é simbolizado pela aparência desse fruto de cor amarelo dourado. A diversidade literária, de cunho científico, histórico, bibliográfico e filosófico, entre outros, conecta a imagem social do cacau ao poder financeiro, tanto em sua ascensão quanto em seu declínio. O próprio Adonias Filho (1976, p. 22) ilustra essa imagem do cacau: “[...] ainda hoje, se conserva a expressão, o ter muito cacau, por ter muito dinheiro.” Não se sabe ao certo onde surgiu esse termo, se é utilizado de maneira pejorativa ou se está mais vinculado a uma memória remanescente. Caracterizações do “fruto de ouro” podem ser encontradas em *O visgo do cacau*, de José Aroldo Castro Vieira (1994), *Terras do sem fim e São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado (1943; 1944), *Berro de fogo e outras histórias*, de Cyro de Mattos (2013), *Coronelismo, enxada e voto*, de Victor Nunes Leal (1949), *Os coronéis do cacau*, de Gustavo Falcon (1995), e *Os donos dos frutos de ouro*, de Anônio Fernando Guerreiro de Freitas (1979), entre outros.

² Há várias designações para o termo “grapiúna”. Entre elas, o de pássaro branco e preto. Para Euclides Neto (1997, p. 32), no *Dicionário das roças de cacau e arredores*, esse é um termo pejorativo, pois “[...] que nada acrescenta aos moradores da tribo do cacau.” Por seu turno, Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior* (1969), utilizou-o para designar os ilheenses e estrangeiros que se estabeleciam na zona cacauceira. Termo novamente utilizado em *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Cacau* (1982), que, dessa vez, se refere à região do cacau (ter-

Tal representação não ocorre apenas nas alusões libidinosas às mulheres com cheiro de cravo e cor de canela, aos “desbravadores” que dizimaram tribos inteiras ou à escravização de pessoas e morte de crianças. Ela está presente nas demonstrações de violência gratuita, na traição consanguínea, na vingança desmesurada, na utilização do Estado como instrumento particular, na xenofobia, no racismo e machismo dessa sociedade contemporânea.

Tais ações, corriqueiras no cotidiano grapiúna, são enfatizadas e enaltecidas enquanto marcas de identidade e pertença, e insistem em manter resguardado o tempo de glória das fazendas de cacau. Aqui não manifestamos discordância ao resguardo da memória. Expressamos, somente, ausência de homogeneidade com relação à associação propalada entre ações temperamentais e o benfazejo. Em que consiste a glória em se matar por meio de traição, se mutilar corpos e dizimar famílias inteiras? Como manter essa memória vinculada a atos heróicos que criaram sua morada em propriedades completamente dizimadas pela vingança? Poderia a elevação, enquanto distinção e nobreza, estar associada aos “tipos” humanos descritos por Adonias Filho?

Para tentar responder a essas inquietações, nos atemos ao contexto da trilogia do cacau adoniana aqui abordada. Essas obras nos facultaram argumentos aos incitamentos aflorados, pois nelas percebemos que tanto os personagens quanto o ambiente ilustrado apresentam como temática, não o fabuloso “fruto de ouro”, mas o seu tormento. Os protagonistas, Paulino Duarte (*Servos*), Alexandre (*Memórias*) e Cajango (*Corpo*), se estabelecem nas narrativas com ações muito mais próximas da animalidade, da impetuosidade e da incivilidade.

Na demonstração do percurso desenvolvido pela abordagem que propomos, nos inclinamos, inicialmente, à perspectiva de Tzvetan Todorov (2010), em seu *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, sob a qual analisamos os conceitos de barbárie e

ra), aludindo-o aos donos de Ilhéus, os coronéis. Já Adonias Filho, em *Sul da Bahia, chão de cacau: uma civilização regional* (1976), refere-se também ao coronel. Em todos os exemplos citados, compreende-se que a designação “grapiúna” está vinculada à região do cacau e a seus moradores.

de civilização. Esse autor defende que, nas comunidades culturais autóctones, o medo do desconhecido pode justificar comportamento idêntico aos promovidos e praticados por associações avessas. Argumenta também que a redução da identidade múltipla do indivíduo à identidade única faculta a irrupção da violência, transformando o conjunto da identidade em identidades assassinas, o que os define como bárbaros.

Compreendemos que a discussão acerca da identidade está diretamente implicada na construção imagética que os demais projetam acerca da nossa própria condição. Para essa discussão, utilizamos a perspectiva apontada por Stuart Hall (2000), em *Quem precisa de identidade?*, que aponta as antigas formas de ancoragem das características peculiares de um povo: a família, o trabalho e a igreja. Por esse viés, novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, quando novos agentes sociais empoderados buscam afirmar suas características e circunstâncias, num contexto em que o conceito de identidade pode estar sujeito a uma historização e a um constante processo de transformação e de mudança. A identidade, portanto, está associada a um conjunto organizado segundo determinados valores que sustentam a coletividade de um povo.

Outro grande nome da literatura grapiúna, Jorge Amado, em *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Cacau* (1982), *Terras do sem fim* (1943) e *Gabriela cravo e canela: uma crônica do interior* (1969), nos auxiliou na pesquisa sobre *modus vivendi* dessa região e sobre termos como “fruto de ouro” e grapiúna, utilizados ao longo deste texto. Do mesmo modo, a tese de doutorado do professor Robson Dantas (2010), intitulada *Entre a arte, a história e a política: itinerários e representações da “ficcão brasileira” e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976)*, nos apontou possibilidades literárias e críticas que mediaram os diálogos com os demais teóricos e literatos aportados neste trabalho.

Nossa apresentação se estrutura em dois momentos principais: primeiramente, em *Perspectivas da literatura sul-baiana cacauera*, abordamos as características gerais dessa literatura regional, sua importância no contexto literário brasileiro e as diferenças contrastivas do autor Adonias Filho apontando na trilogia do cacau suas características estilísticas; no segundo momento, em *A trilogia da barbárie: vingança, violência e morte em Adonias Filho*, anali-

samos as obras que compõem a trilogia do cacau adoniana com o suporte da crítica literária apresentada.

Perspectivas da literatura sul-baiana cacaeira

A literatura sul-baiana, expoente literário que teve sua ascensão a partir da década de 1930, ocupa lugar de destaque na representação nacional. Não só devido à riqueza e diversidade de autores e textos, mas também por divulgar um estilo e uso próprios remanescentes do atavismo que os engendrou. É possível afirmar que se produziu uma estética sintonizada com as demais formas de expressão ao evidenciar temas controversos e peculiaridades constituintes da labuta diária, da sucessão dos dias e do viver cotidiano regional. Assim, tal demonstração tinha como principal objetivo “[...] escrever uma língua mais acessível ao povo, era tomar da língua falada para transformá-la em instrumento literário.” (ADONIAS FILHO; AMADO, 1965, p. 47-8).

Esse enfoque estético parece estar condicionado às perspectivas do movimento modernista, que tinha como principal finalidade promover a identidade nacional ancorado na aspiração de (re)conhecimento do Brasil; “[...] é toda uma linhagem de pensamento e pesquisa acerca da terra e da gente brasileiras, para reconhecer e revelar o país e o povo, a fim de dar aos brasileiros a consciência da sua civilização e cultura, e consolidar a sua fisionomia.” (COUTINHO, 1959, p. 48-9).

Tal perspectiva apresenta a diversidade, tanto rústica quanto sofisticada, que muito bem se aplica a esse interior baiano e também brasileiro aqui abordado. Desse modo, a literatura regionalista se ancorava em temas próprios, mas que estavam intimamente interligados à unidade nacional e, por conseguinte, na universalidade do mundo. De fato, dentre essas características apresentadas, a literatura do sul da Bahia tinha também no cacau sua principal abordagem. Essa temática revelava “[...] certo tipo de viver adequado às características da natureza físico-regional.” (LAVIGNE, 1971, p. 48). Portanto, a fim de pavimentar o argumento convidamos a se manifestar Adonias Filho, o teórico, em *Sul da Bahia chão de cacau: uma civilização regional*,

A uniformidade ecológica, flora, fauna e clima, no fundo de uma normal variação de ambientes, não basta para justificar a civilização do cacau. A estrutura social e a organização econômica – sempre resultantes do cacau – a contemplam como fornecedores de normas, convivências, identidades e fins que asseguram regionalmente a integração. (ADONIAS FILHO, 1976, p. 17).

As descrições e narrativas das riquezas naturais – as matas, os rios, os pássaros e a caça abundante –, bem como as características dos habitantes – indígenas, negros, brancos, coronéis, jagunços, trabalhadores rurais e pequenos proprietários (“tinha até mulher e menino” [MATTOS, 2013, p. 16]) etc –, podem servir de pretexto, seja para elevar, seja para desarvorar condições ao procurar estabelecer tanto a beleza natural, ainda selvagem, quanto as relações conflitantes ligadas diretamente ao poder adquirido a partir da valoração econômica do cacau.

Essa exposição de temas fez com que a fronteira imagética da região fosse, em muito, ampliada. Prova disso seria a propagação dos ficcionistas e suas obras em diversos países e línguas, por meio da perspicácia narrativa dos conflitos aqui existentes. De fato, a relação descomunal entre a abundância natural e seu agente, o homem – mísero artefato ocasional, destituído de sentido –, favoreceu confrontos exteriores e interiores. Para Adonias (1976, p. 14) “[...] em todo o que foi uma guerra contra a natureza, gerou-se uma violenta saga humana no ventre mesmo da selva tropical.”

De certo modo, a disposição natural (o excessivo em contraste com a miséria, o abandono e a solidão) acomodou ficcionalmente os aspectos ideológicos, sociais e políticos, possibilitando à manifestação literária suas mais diversas estruturas. Para problematizar essa questão, Jorge Amado nos informa que

Os pontos de convergências no romance baiano, porém, desaparecerão em face do denominador comum que é a terra em seu extraordinário poder de inspiração. Os ficcionistas não dispõem de força para contorná-la e seus recursos imaginários nela se integram, reprojando-a, nesse esforço em vencer uma realidade invencível. O chão, que em sua crosta sustenta o material artístico, constitui

uma espécie de embasamento para a novelística. Em nenhum outro alicerce, como este, o regionalismo se firmará como autenticidade. (ADONIAS FILHO; AMADO, 1965, p. 44).

Essas construções podem resultar dos embates valorativos implicados nesse contexto e das abordagens recorrentes na expressão literária dessa região, simbolizada na imagem do “fruto de ouro”. Geralmente, as representações desse fruto e de suas implicações comparecem vinculadas, e quase sempre condicionadas, à presença do coronel de cacau – personagem marcante responsável por representar um grande proprietário rural acrescido de poder econômico que desfruta e controla a política e a cena social da região (qualquer semelhança com o feudalismo é mera coincidência!): “Palavra de coronel nestas léguas é lei e lei que vem dele é para ser cumprida de qualquer maneira. [...] Nessas bandas, já disse, ordem do coronel é lei, pode até ser um despropósito sem tamanho, mas tem que ser cumprida.” (MATTOS, 2013, p. 20-24).

Enquanto argumento principal desse tema evidencia-se a vontade de poder associada ao acúmulo cada vez maior de terras e, conseqüentemente, da ampliação das lavouras de cacau. Em pauta, as artimanhas orquestradas pelos litigantes através de ações estimuladas principalmente através da:

(1) vingança na luta pela terra: “Nele, só a vingança existia, essa vingança sem nome que vence todas as coisas, que vence mesmo a solicitação do corpo para a morte. Os olhos parados, os músculos de pedra, era a vingança que ali estava encarnada.” (*Servos*, p. 46);

(2) violência gratuita inerente: “Trouxeram o caboclo Juca e, frente aos olhos apavorados, atiraram-no aos dentes dos cães dentro da jaula. Muitos não viram que fecharam os olhos, muitos não ouviram que taparam os ouvidos” (*Corpo*, p. 13),

(3) morte ou dos assassinatos a essa luta vinculados: “Viveu lutando, pai. Quando o vi morto, o cachorro lambendo o sangue, meu primeiro gesto foi localizar o talho. Nas costas o golpe. Dado à traição, o golpe.” (*Memórias*, p.100); todos modos escolhidos para impressionar os adversários na consecução do proposto.

Foi nesse contexto “[...] que surge a obra de Adonias Filho, um escritor singular em sua época e dentro da literatura como um todo.” (PARANHOS, 1989, p. 11). Ao que parece, nesse ambiente hostil buscou inspiração para algumas das suas obras de ficção. “Menino da roça”, ele passou a infância ouvindo as conversas dos trabalhadores de cacau: “Ouvi grandes ficcionistas, em aventuras sem tamanho, com personagens, episódios e ambientes, na genial criação de peões analfabetos. E, desde então, sem pensar ainda na força literária da oralidade, aprendi com eles a fazer romances.” (ADONIAS FILHO, 1974 p. 12).

Segundo Dantas (2010, p. 24) o marco diferencial da literatura adoniana está em revelar o caráter moral, social e cultural das famílias grapiúnas a partir de um espaço real, impondo, contudo, à sua narrativa uma carga simbólica, cujos personagens funcionam como suportes para as indagações intelectuais. Para ele, Adonias Filho pressupõe um homem patológico em todas as atividades humanas, cujas ações, egoístas, insensíveis e amorais, o afastam do preceito cristão (solidariedade, fraternidade e compaixão). Dessa maneira, segundo o autor, o conjunto da obra adoniana está implicitamente associada às questões políticas da sua região e à crítica ao homem materialista saído do marxismo. Seus romances “teriam como interlocutor privilegiado Jorge Amado, seu adversário político”(DANTAS, 2010, p. 16). Afirma, ainda, que os dois escritores travaram um debate através da literatura, bem como no campo extraliterário – Jorge Amado, então comunista e Adonias Filho, integralista.

Jorge Amado, na recepção de Adonias Filho na Academia Brasileira de Letras, desponta para essa diferença literária (a riqueza de ambiente e personagens) e política entre os dois – enquanto um era oposição ao Regime Militar de 1964, escrevendo romances sobre a luta social dos homens, o outro apoiava os militares e trazia em seus romances uma explicação metafísica e subjetiva. Para ele,

Construistes uma obra de densidade pouco comum em nossa literatura, onde as figuras se movem como num baixo relevo de tragédias, numa atmosfera de pesadelo e de loucura, toda aclarada de poesia trágica. Atmosfera de pesadelo e de loucuras, sim, as vossas

criaturas estão presas nas malhas de um destino sempre terrível, ao qual não podem escapar, contra o qual é inútil qualquer esforço, criaturas condenadas ao nascer. Todos os vossos personagens, vivem em angústia e desespero, não se abre o mundo para eles como vergel florido nem a vida é doce enleio, nem mesmo franca coexistência de homens diversos em diálogo amistoso ou debate leal. Mundo de espantos e ameaças, de sina cruel e de erguidos muros de ódio, barrando e impedindo os claros sentimentos, a bondade, a esperança, a doçura de viver e a compreensão entre os seres. (ADONIAS FILHO, AMADO, 1965, p. 50-1).

Nessa recepção, Jorge Amado lhe preestabeleceu um lugar literário e político. Contudo, segundo Dantas (2010), Adonias Filho quis que prevalecesse a autoimagem do escritor interessado na arte, nas questões sociais e no homem universal, jamais a imagem do autor de tese política. Inversamente, para Jorge Amado, interessava a autoimagem de escritor combativo pela causa comunista e que denunciava os problemas e injustiças da realidade social brasileira, no sentido de despertar a consciência dos homens e incentivá-los na direção de uma revolução libertadora:

Amizade à parte, os percursos literário e político de ambos se entrecruzaram em vários momentos, porém sempre fizeram questão de marcar suas diferenças através da imprensa, dos discursos, das entrevistas e dos livros. Não é difícil constatar que ambos mantinham mútuo ressentimento político – e social. (DANTAS, 2010, p. 103).

De uma maneira ou de outra, em Adonias Filho há um regionalismo de interação de culturas que alcança o universal – os personagens em ambiente nefasto possuem caráter existenciário. Em suas obras, o tempo cronológico é anulado e substituído pelo psicológico, e o espaço poderia ser qualquer um, pois o que está em relevância é o drama humano. Seus personagens “lutam entre a escuridão dos instintos e uma tênue luz de razão.” (BRASIL, 1969, p. 65). Essa interpretação a respeito da obra adoniana parece estar em conformidade com a leitura do escritor Cyro de Mattos, que enunciou:

Em Adonias Filho há um regionalismo de integração de culturas que alcança o universal. Sua técnica moderna de narrar uma história, seu estilo com frases invertidas, sua dicção poética, seus perso-

nagens anulados de bons sentimentos em razão ao ambiente bárbaro que os cerca, conferem-lhe o lugar legítimo de criador de uma literatura responsável pela expansão do corpo ficcional brasileiro. (MATOS, 2015, p. 4).

Por seu turno, Paranhos (1989) aponta que a trama adoniana é subjugada pelo gigantismo da natureza e pelos dramas das personagens. Elas são as responsáveis por toda a urdidura ficcional na sua aventura por um tempo submisso à perícia através das vozes narrativas. Adonias Filho, à esse enredo, declara: “O que me interessa acima de tudo é sempre o homem, o ser humano com seu destino e seu mistério, com seu sofrimentos e alegrias. Sinto-me unido a esse ser, porque o amo. Por natureza e vontade, é inviolável.” (ADONIAS FILHO *apud* LORENZ, 1973, p. 371). Essas diferenças contrastivas, podem ser vistas nas três primeiras obras do autor: *Servos*, *Memórias* e *Corpo*. Nelas, os conflitos em torno do tormento do cacau possibilitam a recriação de um mundo carregado de combinações subjetivas, de figuras e formas regidas por costumes próprios e nas atitudes das personagens fatalistas, condenadas ao nascer.

Servos, publicado em 1946, é o primeiro romance de Adonias Filho, no qual, a liberdade do homem e o primitivismo estão em evidência. Traz a narração das alterações familiares, sobrepondo o tema da vingança como possibilidade de ajustamentos particulares: a fazenda Baluarte³ é o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem ações violentas, pérfidas e abomináveis.

A obra, ambientada na região grapiúna, tem como personagem principal Paulino Duarte, “[...] um pobre louco, incapaz do menor gesto de bondade.” (*Servos*, p. 7), típico patriarca local cujas convicções são: acasalar, procriar, abrir roças e prosperar. A descrição meticulosa e obscura acerca das condições de sobrevivência do grupo permite conceber

³ Não nos passou despercebida a escolha do nome da fazenda (ironia adoniana?). Segundo Homero, na *Ilíada*, o herói grego Ajax geralmente tem o seu nome vinculado ao epíteto “baluarte dos aqueus”. A qualificação elogiosa insinua que, com Ajax lutando ao lado dos gregos, eles seriam imbatíveis, pois baluarte implica sustentáculo, local absolutamente seguro, inviolável. Já em *Servos*, a narrativa adoniana introduz outro significado, precisamente o seu avesso: a fazenda Baluarte da narrativa parece estar à agora da insegurança, da fraqueza, da miséria e crueldade humanas. Estaria Adonias tentando justificar a conduta das personagens a partir da compreensão de homem/humano enquanto insignificante, abjeto e desprezível?

imagem de alheamento com relação ao caráter do requintado. Implica, inclusive, a ligeira impressão de que mesmo vivenciando situação econômica favorável se desconhecia a mitigação dos efeitos corrosivos da luta diária em prol de comodidades. A narrativa parece indicar que o conjunto de adversidades, ao qual as personagens da família Duarte estão interligadas, tem início nas engrenagens subterrâneas que afloram com as frustrações e elucubrações ilustradas (planejamento, execução e sentença) de Elisa, esposa de Paulino. Entretanto, ao embrenhar-mo-nos, cada vez mais na narrativa, fica evidenciado a existência de uma trama inexorável que arrasta com sua força titânica os envolvidos. Destino?

A contenda cotidiana travada entre a cultura da ilustração (Elisa é fruto da educação formal, dos valores cristãos ensinados no internato de Ilhéus) e os impulsos primitivos (Paulino Duarte é criado com os cães) se encerra com o advento destes (impulsos) em função do preterimento daquela (ilustração). Ao sentenciar Paulino, antes de morrer, Elisa parece ceder espaço ao poder fatal do acontecimento e equipara-se ao bruto.

Ainda segundo indicações da narrativa, a personagem de Elisa adentra a narrativa vestida de ingenuidade ao encantar-se com as histórias da fazenda Baluarte mas, sobretudo, com as histórias contadas acerca da constituição do futuro cônjuge obtidas, ao acaso, em passeio de trem. Da fantasiosa configuração imagética, “[...] o aceitava numa atmosfera de sonho, revestindo-o num ligeiro clima de lenda” (*Servos*, p. 17), às núpcias, vislumbramos a tensão impetuosa da rebeldia distender em sua alma a paixão furiosa da vingança. A narrativa leva a pensar que Elisa contrai matrimônio, para resolver os problemas financeiros da sua família (o pai, boêmio, farrista e perdulário pôs a perder os bens da família) e inicia assim a sua ruína, “só o dinheiro faria você me procurar.” (*Servos*, p. 30).

Após anos, suportando a incivilidade, a rudeza e a brutalidade excessiva do marido e vendo os filhos crescerem herdeiros da mesma condição social na qual a instrução é extremamente precária – em um processo de atavismo – a personagem completamente alheia e estranha ao ser humano, concebe e alimenta uma vingança (talvez o único instrumento possível de ser visualizado em tais condições enquanto punição) que segundo período planejamento, deverá ser concretizada por Ângelo, filho ilegítimo. Para Souza (2015,

p. 2), a gestação do filho se processa como incubação de uma sombra da violência. Predestinado desde o ventre materno, Ângelo nasce da morte da mãe para “sofreviver e disseminar o sortilégio da morta”. Elisa se transforma no espectro do filho que não vive, senão como a sua sombra, seu reflexo macabro, a sua presença terrificante. Ao transitar pela sede (as descrições adonianas das habitações das fazendas) encontramos, em cada detalhe, a rusticidade como guia e senhora. Como exigir, então, um cabedal de ilustração à personagens tão paupérrimos quanto abastados, tão exóticos quanto comuns, tão cheios de si quanto abandonados?

A segunda obra do autor, *Memórias*, publicada em 1952, narra as inquietações subjetivas do protagonista, transpõe e configura o ambiente externo ao qual as demais personagens estão fatalmente vinculadas, o Vale, e apresenta os conflitos - interior e exterior - do personagem em torno ao qual se estruturam as ações nefastas. O ambiente da narrativa, a região grapiúna, revela a obscuridade e a brutalidade dos habitantes envolvidos na trama pertencentes a essa região. O Vale é a mortalha dos seres que o habitam, recordado por uma estrada infinita, “Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Onde começa, ninguém sabe. Onde termina, ninguém sabe também.” (*Memórias*, p. 3), que se inicia em parte alguma e se encaminha para lugar nenhum, o vale é “o símbolo do inferno das almas.” (SOUZA, 2015, p. 3). Alexandre, herói às avessas, tem como pai de criação o autóctone Jerônimo, habitante do Vale e herdeiro das suas memórias. Residente de um mundo extravagante, apreende, com a necessidade, os costumes e hábitos do seu entorno.

A sociabilidade urbana não encontra eco no ambiente em questão. Todas as relações parecem regidas pela força e violência inclusive a constituição familiar. Alexandre, ao escolher e decidir tomar para si enquanto consorte Rosália, filha única de Felício Santana, na linguagem adoniana, “[...] uma simples e miserável mulher do vale” (*Memórias*, p.42), parece encontrar nesse momento, não aquilo que escolheu, mas as ações projetadas meticulosamente por ela para matar o pai, “odiava tudo, Rosália.” (*Memórias*, p. 100). Ela projeta casar-se com qualquer homem, que a liberte do julgo paterno. Felício Santana, o pai,

reconhecendo a natureza desumana da filha (tinha por hábito matar e prender ratos, mutilar cães e pássaros) se opõe ao casamento, seja com quem for, tentando sustar a multiplicação de seu sangue maldito. Rosália porém, conquista Alexandre e mata o pai. Espancada pelos irmãos, a personagem informa ao então marido, Alexandre, que espera um filho do seu próprio irmão.

Tema caro aos habitantes do interior do país, o parricídio e o incesto perpassam a narrativa adoniana com crueza suficiente para nos fazer ver o quanto estamos vinculados aos excessos e interditos. Os tormentos do protagonista parecem principiar quando Rosália, já na condição de consorte, é encontrada morta. Alexandre então, segundo as usanças recordadas por Jerônimo “o vale precisa saber que só agora você vai matar.” (*Memórias*, p.78), necessita harmonizar o costume aviltado: vingar-se. Porém, na peregrinação em busca da verdade dos fatos é informado pelo protetor/abusador de Rosália, que em sua ausência, Rosália teria atraído Gemar Quinto, leproso habitante tolerado do vale, pois vislumbrava a grande contaminação (a grande vingança): transmitir a peste a todos os habitantes do Vale.

Ao ser informado da prática frequente, primária e impetuosa, que tal ação acarreta Alexandre adentra a profundidade abissal da interioridade revelada, principalmente, nas aflorescências de sentido dúbio, tais como a demência (estamos diante de um alienado?), a sensação de absurdo existencial (tormento e pavor por saber-se neto de prostituta e filho de alienada mental) e a perversidade (também nele o costume da região se faz presente ao ansiar pela vingança): “Que o vale se dane” (*Memórias*, p.79).

O terceiro romance adoniano, publicado em 1962, *Corpo*, apesar da recorrência do tema vingança e da crueldade do entorno do fruto de ouro em que se encontram inseridas as vicissitudes do protagonista, sugere a uma possibilidade de redenção, simbolizado pelo *ninbo*.

Cajango é o único sobrevivente da sangrenta luta de posses na região do cacau. Vendo, ainda criança, sua família ser dizimada é levado por Padrinho Abílio para as Matas do Camacã, onde passa a ser criado pelo seu tio, o autóctone Inuri e ao menino ensinava

o que lhe parecia ser a vida, moldando-o para se tornar um homem em busca de vingança, “[...] porque não pode viver quem não vive para vingar o pai e a mãe.” (*Corpo*, p. 20). Sob suas ordens, forma-se um grupo de homens armados e autônomos que vivem espalhando o medo pela região, mas que não atinge os donos de fazendas, os mandantes, pois reconhece que estão em número menor de armas e de jagunços. Entretanto, o protagonista conhece Malva e com a chegada da mulher para o convívio comum, ocorre a inversão de perspectiva: Inuri a rejeita, “[...] veio como fêmea perturbar os homens. Uns aos outros, por causa dela, se morderão como cachorros.” (*Corpo*, p. 104) porque percebe que o intento de vingança está ameaçado. Para reposicionar o objetivo (vingança), Inuri desafia Cajango para uma luta, na qual é morto, iniciando a dissolução do grupo. O casal consegue se desvencilhar dos seus perseguidores fugindo para a Mata, onde não serão encontrados.

Adonias Filho, nessas obras, parece se preocupar em estabelecer um equilíbrio entre a concepção e a realização, pois seus romances obedecem a roteiro pré-determinado. Nas três narrativas utiliza o recurso central para marcar os personagens e as obras: os personagens narram suas histórias, dialogam pouco e há a presença do narrador onisciente. O autor assume muitas vezes o caráter de primeira pessoa como uma tentativa de generalizar o sofrimento e as dificuldades do “destino humano”, dando a entender que seus personagens limitam-se a viver num impasse geral. O foco dessas narrativas seria, portanto, a maldade infinita dos homens (através dos atos de vingança), a ancestralidade (vinculada à violência) e a herança maldita (associada à morte).

Para Ronald de Melo e Souza (2015, p. 1), Adonias Filho configura uma trama de efabulação dramática pois, a intriga central que norteia o destino de todos os personagens gira sempre em torno da morte. A multiplicação dos focos narrativos reflete as diversas tentativas para se compreender o tenebroso mistério da vida que não cessa de morrer e da morte que não cessa de renascer das sombras da violência, do clamor e da vingança. Assim elencados, o modo de narrar a terra e os embates valorativos atribuem a Adonias Filho um marco diferencial na literatura regional cacaueira. Os elementos de

meio e momento não represam a sensibilidade do ficcionista, que possui um estilo com grande força sugestiva: o humano de carne e osso. Em suma, em alusão às três primeiras obras do autor, *Servos*, *Memórias* e *Corpo*, reconhecida pela crítica literária como *A trilogia do cacau* tem o ponto de convergência comum: ao mesmo tempo em que o cacau é plano de fundo dessas narrativas, ele deixa de sê-lo para dar espaço ao drama humano do tormento do cacau: não está a natureza sugestiva do ambiente, mas como esse ambiente sugere à esses personagens a força da insensibilidade, da crueza e do tormento.

Talvez, em função das monstruosidades pormenorizadas, é que se permite, frequentemente, as discussões acerca de Adonias Filho como escritor trágico. São inquestionáveis tais interpretações e estudos, que ora apontam os personagens com roupagem trágica, ora apontam as obras enquanto tragédia. Sabe-se que as tais interpretações distinguem a forma e a estrutura da narrativa adoniana vinculada a uma necessidade regional de incorporar um caráter de elevação aos personagens. A trilogia do cacau, para o grapiúna contemporâneo está algo para ser esquecido e não algo para ser rememorado pois, a ilustração adoniana aborda o lado obscuro dessa região.

O esforço hecúleo em salvaguardar tais narrativas à essas interpretações promove o esquecimento do principal tema acerca dessa trilogia (o tormento circundante do cacau), promovendo efeito contrário. Por quê? Pela tentativa de aventar determinada civilização grapiúna a partir da promoção desses feitos ao esperado em sua obra. Ora, tal possibilidade condiciona os tanto aos atos heróicos dos coronéis, que deixaram de ser assassinos sanguinários para se tornar desbravadores, quanto na justificativa dessas ações. Tal interpretação revela a construção e manutenção de um imaginário fabuloso, repleto de memória elevada e de apologias.

A trilogia da barbárie: vingança, violência e morte em Adonias Filho

O sentido do fruto de ouro está comumente condicionado à construção e manutenção de uma memória vinculada a glória remanescente do cacau. Porém, na trilogia do cacau, Adonias Filho ilustra não à essa condição fabulosa, mas enaltece fazendas amaldi-

coadas, relações condicionadas pelo uso da força e da brutalidade, por ambientes funestos e pelo disfarce indiscriminado da vingança, ou seja, por ações distanciadas ao preterido pela memória do grapiúna. Desse modo, a trilogia do cacau passa a ser vista como a trilogia da barbárie pois, apesar de ter a fina cortina do ambiente cacauero, revela, quando aberta, os atos de barbárie promovidos tanto pelo ambiente quanto pelos personagens. Esse espetáculo, cujo ápice nos remete à crueldade aprisionada de Ângelo, condicionado à fúria da vingança, a Alexandre, com seu *abílio interior* associado à violência íntima, e em Cajango, que tem, através da morte, o triunfo, aflige os olhos e fere os ouvidos. Essas ações, ao que aparece nesse contexto, estão muito mais próximas da animalidade, impetuosidade e incivilidade, estando, portanto, distanciadas dos atos irretocáveis.

Os personagens da trilogia adoniana não estão heróis elevados, vinculados à imensurável força do *Destino* e aos interditos do divino. Não parecem estar vinculados ao *éthos*.⁴ Ao conhecê-los, não expressamos qualquer desejo de estar próximos ou de imitá-los. Esses personagens promovem efeito contrário: remetem a ações obscuras, aos sentimentos de cruzeza, ao fracasso inevitável e ao distanciamento da beleza. Não pelo nascimento, mas porque simplesmente preferem agir dessa forma, ou não sabem agir de outra

⁴ Nas narrativas clássicas, o *éthos* encontra-se transpassado pelo fio condutor da elevação, instigando a imaginação a projetar um posicionamento além do humano. Para a compreensão dessa grandiosidade, faz-se necessário retomar aos poetas. A visão grega compreendia o poeta como instrutor prático e conselheiro ético. Assim, os relatos sugerem diversas perspectivas: a ética guerreira, as instituições e rituais religiosos, a distinção dos vates, a representação pela palavra (discurso), a respeitabilidade do ancião, a asseveração da beleza, a constituição das forças olímpicas, a condição do feminino, ou seja, a formação de homens capazes de estar além de suas ações. Esses feitos aludidos estariam ligados à construção desse *éthos*. Na *Iliada*, por exemplo, Homero não intenciona somente enaltecer a luta dos homens elevando-a a dimensões cósmicas, mas procura representar determinada imagem que auxilie a conceber o mistério do universo. O poema revela uma visão de mundo, mundo este condicionado e subjugado a vontades que excedem a vontade humana, submetidos a um cronograma estabelecido, o que faz vir à tona a inexorável força do Destino. Entretanto, não parece possível negar que o homem constituiu o centro do universo homérico. O que a narrativa nos oferece, entre outros aspectos, é a vida de homens singulares no desenrolar de uma guerra, levada a termos, em nome da glória e da honra de povos excelentes. O que o poema apresenta são as oscilações extremas da condição humana: tanto a passionalidade desmesurada, como a racionalidade exacerbada. O combate singular advém protagonista e assume a responsabilidade de infundir e solidificar, a partir de arquétipos a serem seguidos e imitados, o desejo constante da *areté* (virtude, excelência). Ao delegar ao combate um lugar privilegiado, Homero se permite um aprofundamento quanto ao modo de ser, propriamente dito, dos heróis que da pugna participam. Em outras palavras, cria-se a possibilidade de tratamento com questões que estão diretamente vinculadas à personalidade humana, justamente para consolidar o imaginário das gerações vindouras, que deveriam receber os feitos narrados como paradigma. Ao que parece, na trilogia adoniana tais perspectivas não estão vinculadas.

mancira: Ângelo utiliza o terror para vingar-se, sem se saber o porquê, do pai e que, apesar de ter realizado seu feito, quer dizimar sua família também; Alexandre prefere sair da ilustração e dos preceitos humanísticos de Natanael para viver a violência e crueza dos habitantes do Vale e Cajango mata Inure, seu pai, ao ver fracassado seu intuito de vingança. Assim, os personagens da trilogia adoniana revelam a monstruosidade, impetuosidade e incivilidade, ações que fomos adestrados a distanciar em prol de comodidades.

Segundo a perspectiva de Todorov (2010), tais atitudes são realizadas apartir do momento que nos distanciamos da civilização e da cultura, nos aproximando então da barbárie. Para ele, os bárbaros são aqueles que negam a plena humanidade dos outros, que transgridem as leis fundamentais da vida comunitária por ser incapazes de respeitar a distância ajustada na relação com os próprios pais. Essa incapacidade de ajustamento promove uma ruptura entre eles mesmos e os outros homens. Assim, sinais confirmados de barbárie são por um lado “o matricídio, o parricídio e o infanticídio; e por outro o incesto” (TODOROV, 2010, p. 25). Na trilogia adoniana, tal característica se faz presente a todo instante: em *Servos*, o parricídio é a possibilidade de ajustamento particular. O personagem Ângelo, filho de Elisa, necessita vingar-se do pai, Paulino Duarte para se libertar da memória perturbadora da mãe, Elisa. Além de realizar tal desejo ainda se utiliza da doença do irmão para cometer o infanticídio:

No seu íntimo, em movimentos desencontrados, passavam e repassavam os quadros da sua miséria. Lisinha chorando, esperneando, ele correndo, espinhos rasgando o corpo da criança. Estúpido, os sentidos paralisados, só sabia pronunciar uma palavra: “Corrupto, corrupto, corrupto.” Depois, no centro da roça, rindo-se com a um ébrio, torturado por uma aflição sem limites, jogara-a no chão, pisando-a, enterrando-a quase na lama do brejo. Apanhou-a com asco, agitou-a, mas ela não se movia. Atirou-a sobre um pequeno monte de pedras e correu. (*Servos*, p. 235).

Instrumento também utilizado em *Memórias*, em que o parricídio é praticado por Rosália. Essa personagem não mede esforços para destruir todo o ambiente, o Vale e, pa-

ra tal, planeja contrair relações sexuais com um leproso, Gemar Quinto, para que essa vingança seja efetivada:

Ele pensa que estou grávida, ele, Alexandre. Pensa que o filho é seu, Roberto. Eu mesma me violentei, rasguei a minha própria carne com as unhas. Doem as feridas, queimam as pestes! Mas ele, Alexandre, sangrará a vocês todos. Vocês todos acabarão como o pai. [...] Quer saber então por que chamei Gemar Quinto! Quer saber? Pois saiba! Queria a sua doença, queria a sua lepra para transmitir a Alexandre, a Jerônimo, queria ver o vale terminar assim, inchado, podre, aos pedaços. (*Memórias*, p. 101).

Por que Rosália deseja essa vingança? Porque a deseja, porque odiava a tudo. Em *Corpo*, o bando se une à Cajango, os sem destino, para gerar medo e terror na saga do caçau. Parricídio? Infanticídio? Atos de cruzeza? Todos eles são menores perto da morte dos passarinhos de Deus!

[...] as chamas iluminavam o quadro que eu via como feito pela vontade do Cão. Eu contei eles, eram oito, os corpos dos meninos. O gorila, com a faca na mão, pisava o sangue. As chamas esquentavam a sua cara, na raiva, os olhos vidrados. Cajango deteve-se, fitando os meninos, sem uma palavra (*Corpo*, p.50).

Para Todorov, essas ações revelam que o perfil do bárbaro está condicionado a um comportamento avesso ao praticado coletivamente, pois “[...] eles se comportam como se os outros não fossem seres humanos.” (TODOROV, 2010, p. 27). Dessa maneira, para executar os atos mais íntimos, eles não levam em consideração o ponto de vista dos outros. Como é possível, então, nos aproximar dessa descrição de barbárie, na qual nada, nada passa despercebido?

Tangido, saltando por vezes e por vezes trotando, o animal foi permitindo que a distância diminuísse. [...] Imobilizado, movia ainda a cabeça. Nesse instante, tão suado como o animal, um dos Luna esmurrou seus olhos – os olhos claros e belos olhos que logo se converteram numa pasta de sangue. O animal estremeceu, sopran-

do. E vi afinal que os dois Luna, enquanto Jerônimo cuspiam nas mãos, rasgavam a princípio com um pedaço de estaca a boca do cavalo. Feito o talho, jorrando o sangue, o corpo ainda debatendo, completaram com as próprias mãos, os dedos presos aos dentes, a abertura que transformou a boca numa chaga horripilante. Sentaram-se, depois, sobre o animal, ambos ensanguentados, e recomeram a gargalhar. (*Memórias*, p. 63-4).

Para ilustrar essa descrição, nos aliamos a Todorov, ao defender que cada individualidade tem a possibilidade de participar de inúmeras identidades, destacando-se: (1) a identidade cultural de caráter sentimental (de apego a terra), (2) a identidade da esfera cívica, correspondente às práticas sociais determinadas pela força, e (3) a identidade moral e política à qual aderimos e em defesa da qual somos capazes de atitudes intransigentes. A redução da identidade múltipla do indivíduo a uma identidade única permite a irrupção da violência, transformando o conjunto das identidades únicas em *identidades assassinas*.

Tal reducionismo ilustraria o modo de agir das personagens adonianas, circunscritas a determinado ambiente (promotor de solidão avassaladora) caracterizado pela ausência de impulso altruísta e de minoração das agruras alheias. Essa perspectiva pode fazer com que o leitor venha a identificar esses personagens – e defini-los – como **“aqueles que negam a plena humanidade dos outros**, enquanto o civilizado é quem sabe reconhecer plenamente a humanidade dos outros.” (TODOROV, 2010, p. 27-32; grifo nosso).

O autor demonstra que o medo do desconhecido pode ensejar, nas comunidades autóctones, comportamentos avessos à civilização, atribuindo-lhes à cultura, como um conjunto de características da vida social – a maneira coletiva de viver e de pensar e a organização do tempo e do espaço. Para ele, “Os bárbaros são aqueles que estabelecem uma verdadeira ruptura entre eles próprios e os outros homens. Por extensão, aqueles que recorrem, sistematicamente, à violência e à guerra pra resolver seus desacordos são considerados como aparentados à barbárie.” (TODOROV, 2010, p. 26). Ao que parece, essas relações, apesar da tentativa do esquecimento grapiúna, estão sobrepostas ao *modus vivendi* dessa região, pois, ao mesmo tempo em que há uma tentativa do esquecimento

dessas ações, há uma perspectiva de sua continuidade. Porém, com as discussões ontológicas acerca do ser, do eu e das relações implicadas no âmbito cultural e social, definir essa identidade não é algo simples. A estrutura complexa desse conceito permite diversas interpretações tanto das áreas literárias, quanto de áreas afins. Nesse sentido, a discussão que aqui encetamos trata diretamente da construção e manutenção da imagem, dúbia, vinculada no entorno do cacau. A imagem que os *outros* projetam sobre essa condição.

A partir do choque de sentido da autocaracterização e da caracterização *extramuros*, nos ancoramos em determinados modelos possibilitando que relações sejam estabelecidas. Relações que sustentam a coletividade de um povo. Adonias Filho, na trilogia da bárbarie, parece querer ilustrar uma construção diferenciada dos demais autores e do *modus* dessa região. Para essa discussão, Stuart Hall (2000) trata da questão da identidade e da diferença – centro da teoria social e da prática política hoje. As antigas fontes de ancoragem das características peculiares de um povo, a saber, a família, o trabalho e a igreja, estão em crise evidente, mesmo que grandes parcelas das sociedades persistam em negar. Novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, buscando afirmar suas características e circunstâncias, ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das expressões até então hegemônicas: “Está se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada.” (HALL, 2000, p. 103).

A identidade passa, então, pelo processo de produção de sentido, de criação imagética, como construto do imaginário desencadeado pelos simbolismos circulantes nas práticas cotidianas que vão compondo o conjunto identitário de determinado grupo humano, moldando seus sujeitos e decidindo pela condução da vida societária, podendo ser nomeada e enunciada, simbolicamente, numa interpretação específica, que enfrenta o desafio de formular, ou expressar uma identidade, podendo ser o membro do próprio grupo “identificado”, como qualquer outra pessoa que enuncia alguma criação identitária. Entendemos, portanto, que a construção identitária na concepção de “imagem veicula-

da”, ou “projeção simbólica”, de determinada formulação discursiva, em conformidade com os modelos estabelecidos por esses grupos.

A formulação de uma identidade é montada simbolicamente produzindo sentidos num papel que podemos definir como representativo ou simbólico, de identificação, segundo alguma imagem enunciada socialmente com o atributo de provocar imaginários. Ao atravessar os terrenos de imagem e imaginário nos aventurando a tratar de construção identitária, no estatuto da representação, afastamos qualquer ideia que possa entender o processo como uma ilusão, ou algo puramente abstrato. Claro que imagem e imaginário se apresentam como campos eivados de subjetividades e em estágios de enunciações são intangíveis, “materializando-se” somente no patamar das representações mentais, mas o que importa é sua eficácia social ao produzir efeitos reais. Desse modo, as representações (ou projeções simbólicas) fazem os indivíduos em seu interior ver e crer, conhecer e reconhecer.

Está em jogo, portanto, a capacidade de impor um sentido consensual ao grupo, seu sentimento de unidade e identidade. Dessa maneira, a identidade regional (ou de qualquer outro tipo de identidade), na prática social, é manifesta em representações mentais (percepções e apreciações, conhecimentos e reconhecimentos, objetos de investimentos dos interesses e pressupostos dos agentes sociais) e materiais (coisas concretas ou ações estratégicas) interessadas na manipulação simbólica com o intuito de determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e de seus portadores. A partir da perspectiva de Hall, é possível traçar os contornos da questão da identidade e das imagens a ela vinculada:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] **Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas;** que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em

processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108; grifo nosso).

A partir do exposto por Hall parece possível então problematizar as estruturas identitárias, pertencentes à região grapiúna contemporânea através das narrativas adonianas. A partir da ilustração de Adonias Filho, presente nas obras elencadas, implica outra conduta ao leitor, precisamente, a de admissão e conformidade a determinada mudança de perspectiva na maneira ou forma de ilustrar a realidade sul baiana cacauera. A trilogia do cacau parece não objetivar o despertar de sentimentos e pensamentos irretocáveis, cujos méritos ultrapassem o normal (concepção heroica clássica). Pelo contrário. A apresentação das forças em jogo faculta a apreensão daquela profundidade obscura que nos constitui, do que fora até então recalcado, do interdito moralmente e que em Adonias Filho, através da trama, se transforma em recurso para convencer, para alterar a opinião e o comportamento recordando a difícil tarefa de fracassar.

Considerações finais

Por que Adonias Filho? Crítico literário, jornalista, político, ensaísta, homem social etc. Todos esses atributos estão menores diante da perspicácia narrativa desse escritor, nascido na região sul-baiana, que procurou ilustrar a região do cacau de um modo diferenciado, incomodado e cruel: seus personagens – Ângelo, Alexandre, Cajango e toda a civilização nascida no entorno do cacau (os que derrubaram as matas, os que perderam famílias, os que enlouqueceram, os que sentiram o ar impregnado pelo odor do fruto de ouro e os que mancharam as mãos com o sangue atávico) – foram revelados, para essa sociedade grapiúna, como tipos humanos distanciados da glória e do heroísmo propagado nas histórias e causos acerca dessa região.

A grandeza adoniana reside justamente em se colocar na contramão do imaginário dourado grapiúna, ao propagar a imagem dessa civilização vinculada à barbárie, que ora nos surpreende e move, ora preferimos esconder e perder. O ambiente primitivo das nar-

rativas permeou este trabalho para demonstrar o homem fadado às ações instintivas da existência questionadora, perturbadora e hostil.

No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Adonias consagrou essa região, fazendo-nos perceber o quanto estamos vinculados aos atos monstruosos, próprios da tradição de valores prontos, estanques e condicionados a uma memória que parece precisar ser reescrita e repensada. Esse posicionamento está incondicionalmente ligado à liberdade: das escolhas, das palavras, da motivação para a busca incessante de se autoconstruir e de construir mundos e da reconstrução da nossa realidade.

Por esse motivo e por tantos outros, esse autor e sua trilogia foram escolhidos para ilustrar não o imaginário glorioso do cacau, mas, a partir deles, a possibilidade de se compreender esse imaginário social e cultural tão predominante. A intenção não está condicionada a ver o grapiúna como um bárbaro, mas, a partir dessas atitudes representadas na obra adoniana, a compreender de que barro viemos. Ler Adonias – e homenageá-lo – é prestigiar a coragem de um romancista em revelar que não só de fruto dourado vive a memória de um homem, não só de glória se constitui uma civilização, mas de seu entendimento, de suas fraquezas, de seus medos. Ler Adonias Filho significa um resgate de quem somos, de onde estamos, de como fazemos e de que perspectivas comungamos.

PERSPECTIVES OF THE (DE)CONSTRUCTION OF THE FABULOUS GOLDEN FRUIT IN ADONIAS FILHO'S COCOA TRILOGY: BARBARIAN OR CIVILIZED?

ABSTRACT: In this descriptive, bibliographical paper, we aim to analyze the barbarism-civilization perspective, based on Tzvetan Todorov (2010), in the characters of south Bahian writer Adonias Filho's so-called "cocoa trilogy", namely: *The servants of death* (1986), *Memories of Lazarus* (1970) and *Living Body* (1989). Therefore, we have established the contrast between the symbolic image of the "golden fruit", commonly propagated in contemporary Grapiúna society and the founding representations based on vengeance, violence and death, of that golden imaginary in Adonias Filho's narratives. It is expected that this work promotes alternative discussions about this promoted image, differentiating it from the glorious and elevated mode pertaining the South Bahia imagination.

KEYWORDS: Barbarism; Civilization; Symbolic image; Cocoa Trilogy

Referências

- ADONIAS FILHO, Aguiar. *Sul da Bahia: chão de cacau* (uma civilização regional). 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.
- _____. *Os servos da morte*. 6. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.
- _____. *Memórias de Lázaro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Corpo vivo*. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.
- _____. *O romance brasileiro de 30*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1969.
- _____. Experiência de um Romancista. Conferência no Simpósio de Literatura Brasileira em Brasília. Promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, VIII Encontro Nacional de Escritores, 1973. *Jornal Minas Gerais*, Suplemento Literário, 9 de fevereiro de 1974, p. 2.
- ADONIAS FILHO; AMADO, Jorge. *A nação grapiúna: Adonias Filho na Academia*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- AMADO, Jorge. *Cacau*. Livraria Martins Editora: São Paulo, 1982.
- _____. *São Jorge dos Ilhéus*. 18. ed.. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.
- _____. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. 36. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.
- _____. *Terras do sem fim*. 19. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.
- BRASIL, Assis. *Adonias Filho; ensaio*. 1. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora, 1969.
- BRUNO, Haroldo. *Naturalismo e supra-realismo em Adonias Filho*. Estudos de literatura Brasileira, 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1966.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. vol. III. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, vol. I. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.
- DANTAS, Robson Norberto. *Entre a arte, a história e a política: itinerários e representações da “ficção brasileira” e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976)*. 2010. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.
- FALCÓN, Gustavo. *Os Coronéis do Cacau*. Salvador: CED/UFBA/INAMÁ, 1995.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. *Caminhos ao Encontro do mundo*. A capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul, Ilhéus 1534-1940. Ilhéus: EDITUS, 2001.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro. *Os donos dos frutos de ouro*. 1979. (dissertação de mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia- UFBA.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOMERO. *Iliada*. (em versos). 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

LAVIGNE, Euzínio. *Regionalismo literário*. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.

LITRENTO, Oliveiros. *Surrealismo e ficção*. Suplemento literário do jornal O Estado de São Paulo, 19/10/1963.

LORENZ, Gunter. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.

LOPES, Ruth Silvian Brandão. *Corpo vivo: tessitura da violência*. 1978. Tese (doutorado). Minas Gerais: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

MATTOS, Cyro. *Berro de fogo e outras histórias*. 2. ed. Ilhéus: EDITUS, 2013.

NETO, Euclides. *Dicionário das roças de cacau e arredores*. Ilhéus: EDITUS, 1997.

PARANHOS, Maria da Conceição. *Adonias Filho: representação épica da forma dramática*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

SOUZA, Ronaldo de Melo. *O romance dramático de Adonias Filho*. Disponível em: <www.geocities.ws/ail_br/oromancedramaticodeadonias.htm>. Acesso em: 18 abr. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA, José Haroldo Castro. *O visgo do cacau*. São Paulo: GRD, 1994.

Recebido em 18/04/2016.
Aprovado em 17/05/2016.